

A Sociologia e os seus estudantes

Caracterização social e trajectória escolar

Carlos Manuel Gonçalves

Isabel Dias

João Teixeira Lopes

1. Notas introdutórias

No âmbito das actividades de investigação do Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto foi criado, em 1992, o *Observatório do Curso de Sociologia*. Pretende-se com este programa obter um conhecimento, o mais aprofundado possível, da população discente que efectua a sua preparação universitária no campo disciplinar da Sociologia.

Uma das linhas de investigação existentes no *Observatório* tem como objectivo fundamental a caracterização sociográfica da população estudantil que frequenta o 1.º ano curricular da licenciatura em Sociologia. Em termos empíricos, a caracterização estrutura-se em torno de determinadas questões fulcrais como a composição demográfica, a relação espacial entre Faculdade e residência, a estrutura familiar, os níveis de escolaridade do grupo doméstico de origem e do núcleo conjugal, a origem social, a trajectória escolar anterior, as representações face ao curso e à profissão. A partir destas questões optou-se pela formulação de um inquérito por questionário, o qual tem sido sucessivamente aplicado àqueles alunos nos anos lectivos de 1992/93 a 1994/95.

O presente texto pretende, ainda que de uma forma introdutória e, por conseguinte, susceptível de aprofundamento posterior, dar conta de alguns

dos resultados do estudo sociográfico efectuado. A estratégia expositiva expressa, sempre que possível, os dois principais eixos que estruturaram a análise: um de natureza sincrónica que essencialmente revela as especificidades de cada um dos anos lectivos; outro de cariz diacrónico que estabelece as diversas relações de comparabilidade entre a população inquirida em cada um dos anos.

Por outro lado, importa realçar que o estudo vem na continuidade de investigações semelhantes desenvolvidas no passado recente. Em relação a algumas questões optou-se mesmo por ter em consideração os resultados já alcançados, o que, em nossa opinião, permite um alargamento e um enriquecimento do conhecimento existente, objectivos que, sempre que possível, devem estar presentes na formulação e desenvolvimento dos projectos de investigação.

A grande visibilidade deste tipo de estudos relaciona-se, assim o pensamos, com o papel fulcral que a escolaridade, designadamente nos seus patamares mais elevados, desempenha na estruturação social e nos modos de vida, bem como nos processos de recomposição da estrutura social portuguesa, com a emergência das chamadas *novas classes médias*, ligadas à "explosão" do terciário e aos mecanismos de (re)qualificação dos recursos humanos nacionais. Por outro lado, as trajectórias virtuais destes estudantes colocá-los-ão, decerto, em lugares de topo nas redes organizacionais existentes, aumentando, por isso, o interesse no conhecimento da sua caracterização social, a par das suas representações, atitudes e opiniões.

Afigura-se-nos cada vez mais premente construir um olhar sociológico sobre quem frequenta a Universidade. Múltiplas razões podemos compulsar para o fazer. Razões decorrentes da dinâmica da produção de conhecimentos sociológicos sobre as transformações da sociedade portuguesa e razões de

¹ Encontram-se nestes casos os seguintes textos: João Ferreira de Almeida, António Firmino da Costa e Fernando Luís Machado, "Famílias, estudantes e universidade - painéis de observação sociográfica" in *Sociologia - Problemas e Práticas*, n.º 4, 1988, pp. 14-44; Idem, "Identidades e orientações dos estudantes - classes, convergências, especificidades" in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.os 27/28, 1989, pp. 189-209; António Firmino da Costa, Fernando Luís Machado e João Ferreira de Almeida, "Estudantes e amigos - trajectórias de classe e redes de sociabilidade" in *Análise Social*, n.os 105-106, 1990, pp. 193-221; Virginia Ferreira, "Universidade de Coimbra - 1964-1985. Que mudanças?" in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.os 27/28, 1989, pp. 211-232; José Luís Casanova, *Estudantes Universitários. Composição Social, Representações e Valores*, Lisboa, ICS/II, 1993; Artur Neves, *Estudantes Universitários do ISEG - Origem, Atitudes e Comportamentos*, Lisboa, ISEG/SOCIUS, 1994; Eurico de Figueiredo, *Portugal, Os Próximos Vinte Anos - Conflito de Valores, Conflito de Gerações*, Lisboa, 1988.

natureza pedagógica são, inquestionavelmente, duas das mais importantes. Se a primeira, pela sua natureza, torna supérfluo qualquer comentário adicional, a outra merece-nos um pequeno reparo. No momento presente, o ensino universitário no nosso país encontra-se cada vez mais confrontado com uma questão basilar, a da respectiva qualidade do ensino /aprendizagem. Vão longe os tempos em que a instituição, por diversas formas e escudando-se em diferentes retóricas discursivas sobre o seu posicionamento no espaço societal, a ignorava por completo. Ora, precisamente, os resultados e as consequentes reflexões produzidas a partir de trabalhos de investigação sociológica cujo objecto central é a população estudantil universitária são elementos, entre outros, que permitem um aprofundamento do debate/reflexão em torno daquela questão, se não mesmo a emergência de novas abordagens que conduzam à ruptura com saberes institucionalizados que se tornaram, no plano heurístico, fontes importantes de desconhecimento.

2. Caracterização social da procura do curso de Sociologia

Partimos de um pressuposto que se nos afigura fundamental, isto é, de que o funcionamento institucional de uma Universidade ou mesmo de uma licenciatura se liga, em grande medida, à interacção que estabelecem com o seu ambiente e com a sua "clientela"². Desta forma, é da maior importância o conhecimento das variáveis diferenciadoras dessa mesma população, designadamente a sua composição sexual, a sua estrutura etária, a sua pertença de classe, etc, mas também factores aparentemente anódinos, como o local de residência, a composição do agregado familiar, ou mesmo os meios de transporte utilizados nos percursos diários, mas onde se reflectem, por vezes de forma pesada, as incontornáveis matrizes de distinção social.

2.1. Proveniência geográfica e condições de vida

Se pretendermos caracterizar a população inquirida (alunos do 1.º ano curricular do curso de Sociologia de 1992 a 1995) temos, antes de mais, de saber a sua composição sexual e etária. Se atentarmos no Quadro 1³, verifica-

² Vd. Jean-Pierre Briand e Jean-Michel Chapoulie, "L'institution scolaire et la scolarisation: une perspective d'ensemble" in *Revue Française de Sociologie*, XXXIV, 1993.

³ O cálculo das percentagens para cada ano lectivo foi feito em relação à totalidade dos respectivos inquiridos.

mos, desde logo, o peso esmagador das estudantes, tendência que, aliás, se reveste de âmbito nacional⁴. Ainda assim, esta acentuadíssima feminização não pode deixar de colocar questões da maior importância: de que forma a escolha da Sociologia reflecte lógicas de construção sexual da "vocação" fortemente ancoradas em estereótipos de "cursos femininos" e "cursos masculinos"? Qual o peso das expectativas profissionais nos mecanismos de antecipação, isto é, de escolha de um curso em detrimento de outros, por parte de rapazes e de raparigas; qual a valorização sexualmente diferenciada dessas saídas profissionais? Sem dúvida questões suficientemente importantes a merecerem uma reflexão sociológica aprofundada. Reflexão que adquire cada vez mais pertinência face às tendências pesadas de transformação social que têm, nas últimas décadas, atravessado a sociedade portuguesa. Sabemos, entretanto, através de vários estudos⁵, que as áreas escolares e as profissões mais feminizadas são as menos valorizadas em termos de prestígio e de remuneração material. Apesar do seu inegável sucesso escolar (quer através do grande aumento do contingente universitário feminino, quer através do êxito do seu percurso escolar), as raparigas continuam tendencialmente em posição subalterna quer no mercado de emprego, quer na família.

QUADRO I — Composição sexual e etária dos alunos por ano lectivo

	Anos Lectivos											
	1992/93				1993 /94				1994/95			
	I - i		M		W		M				M	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Até 19 anos	3	5,8	21	40,4	4	10,2	18	46,2	4	11,9	17	49,9
20-24 anos	3	5,8	13	25,0	4	10,2	5	12,9	2	5,9	4	11,9
25-29 anos	1	2,0	5	9,6	-	-	4	10,2	-	-	2	5,9
30-34 anos	-	-	2	3,8	1	2,6	-	-	1	2,9	1	2,9
35-39 anos	-	-	-	-	1	2,6	-	-	1	2,9	-	-
40 e mais anos	2	3,8	2	3,8	2	5,1	-	-	1	2,9	1	2,9
<i>Total</i>	9	17,4	43	82,6	12	30,7	27	69,3	9	26,5	25	73,5

⁴ Segundo as Estatísticas da Educação do I.N.E. (1989), a população universitária feminina representava já 55,8% do total da população universitária.

⁵ Vd., por exemplo, Christian Baudelot e Roger Establet, *Allez les Filles!*, Paris, Éditions du Seuil, 1992.

No que diz respeito à idade, a maior parte dos inquiridos situa-se na faixa etária (até 19 anos e entre 20 e 24 anos) dos que prolongam ininterruptamente a sua escolaridade até ao ensino superior.

Quanto ao local de residência habitual, salienta-se a proximidade da maior parte dos inquiridos em relação ao local onde estudam.

QUADRO II — Residência habitual do agregado familiar por ano lectivo

Concelho	Anos Lectivos					
	1992/93		1993/94		1994/95	
	N	%	N	%	N	%
Porto	15	35,7	8	21,1	4	11,8
Ovar	1	2,4	3	7,9	1	2,9
Vila Nova de Gaia	5	11,9	4	10,5	3	8,8
Aveiro	3	7,1	1	2,6	1	2,9
Matosinhos	-	-	2	5,3	6	17,7
Maia	1	2,4	4	10,5	5	14,7
Outros Concelhos	17	40,5	16	42,1	14	41,2
<i>Total</i>	<i>42</i>	<i>100,0</i>	<i>38</i>	<i>100,0</i>	<i>34</i>	<i>100,0</i>

De facto, uma percentagem significativa reside na área metropolitana do Porto, com especial destaque para o concelho do Porto, ou em Aveiro. No entanto, não é de desprezar o número de inquiridos que reside noutros concelhos (à volta dos 40% em todos os anos). Desta forma, coloca-se desde logo a questão da convivência entre alunos com proveniências territoriais distintas, o que, para além de eventuais diferenças nos mapas culturais, pode funcionar para alguns como factor de selecção negativa (ruptura com o universo familiar, dificuldades de adaptação a um novo espaço com exigências de reconstrução identitária, dificuldades económicas acrescidas, etc).

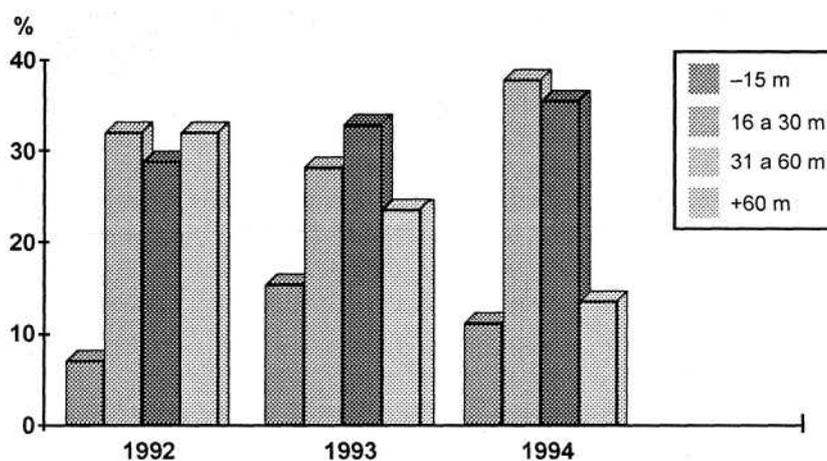
A confirmação da importância entre o local de residência e o local de estudo encontra-se patenteada no Quadro III.

É nítida a concentração no concelho do Porto e áreas limítrofes. Ainda assim, as percentagens significativas de estudantes a residir noutros concelhos (cerca de 1/5 dos inquiridos) serve bem como indicador de demorados trajectos, como de resto está patente no Gráfico I na elevada percentagem de alunos que demoram mais de 30 minutos, ou mesmo mais de 1 hora, no seu percurso para a Faculdade. Percurso esse que, de acordo com dados do inquérito, é feito predominantemente de autocarro ou a pé.

QUADRO III — Residência durante o ano lectivo

Concelho	Anos Lectivos					
	1992/93		1993/94		1994/95	
	N	%	N	%	N	%
Porto	32	62,7	14	35,9	11	33,3
Matosinhos	-	-	2	5,1	6	18,2
Maia	1	1,9	5	12,8	4	12,1
Vila Nova de Gaia	6	11,8	6	15,4	3	9,1
Santo Tirso	1	2,0	-	-	2	6,1
Outros Concelhos	11	21,6	12	30,8	7	21,2
<i>Total</i>	<i>51</i>	<i>100,0</i>	<i>39</i>	<i>100,0</i>	<i>33</i>	<i>100,0</i>

GRÁFICO I — Residência durante o ano lectivo



Uma outra consequência desta concentração residencial no Porto e seus arredores prende-se com a modalidade de residência e também, de certa forma, com as próprias condições de habitabilidade.

Assim, com excepção do ano lectivo de 1994/95, a maior parte dos estudantes não reside com os seus pais. Não se pense, precipitadamente, que esta constatação significa uma emancipação ou distanciação face à família de origem. De facto, para além de alguns residirem com outros familiares, são bastantes os que, vivendo sozinhos ou com outros estudantes em casa arrendada, não encontrariam outra possibilidade de prosseguir os seus estudos, a

QUADRO IV — Modalidade de residência dos estudantes durante o ano lectivo

Modalidade	Anos Lectivos					
	1992/93		1993/94		1994/95	
	N	%	N	%	N	%
Com os pais	24	46,2	18	46,2	21	61,8
Com outros familiares	9	17,3	6	15,4	6	17,6
Numa residência de estudantes	3	5,8	4	10,3	2	5,9
Sózinho(a), em casa arrendada	2	3,8	2	5,1	1	2,9
Acompanhado(a) com outros estudantes em casa arrendada	9	17,3	7	17,9	2	5,9
Em quarto alugado	4	7,7	2	5,1	2	5,9
Outra situação	1	1,9	-	-	-	-
<i>Total</i>	<i>52</i>	<i>100,0</i>	<i>39</i>	<i>100,0</i>	<i>34</i>	<i>100,0</i>

não ser prolongando a sua dependência face aos progenitores. De qualquer forma, não é de negligenciar a importância que a autogestão do quotidiano pode desempenhar na estruturação dos seus modos de vida e na assumpção de modelos comportamentais porventura diferentes e/ou alternativos face aos colegas que vivem com a omnipresença dos pais. Finalmente, importa também referir as situações difíceis de habitabilidade que alguns dos jovens que vivem em casa ou quarto alugado têm de suportar, conhecendo-se a especulação do mercado de arrendamento e a tradição de subalugamento da cidade do Porto.

Observando agora o Quadro V, referente ao número de pessoas do agregado familiar do inquirido, facilmente concluímos que estes estudantes nada têm a ver com a geração do "baby-boom".

QUADRO V — Número de pessoas do agregado familiar

Número de pessoas do agregado familiar	Anos Lectivos					
	1992/93		1993/94		1994/95	
	N	%	N	%	N	%
2	5	10,6	2	5,3	4	12,1
3	4	8,5	9	23,7	8	24,2
4	2	42,6	13	34,2	15	45,5
Mais de 4	1	38,3	14	36,8	6	18,2
<i>Total</i>	<i>4</i>	<i>100,0</i>	<i>38</i>	<i>100,0</i>	<i>33</i>	<i>100,0</i>

Com efeito, a maior parte dos inquiridos vive num agregado familiar com menos de quatro pessoas. Tal não é de admirar, se pensarmos nos acelerados processos de urbanização e terciarização que a sociedade portuguesa tem vindo a sofrer nas últimas décadas, com a consequente entrada da mulher no mercado de emprego e a diminuição generalizada da natalidade e da fecundidade, fenómenos a que não serão alheias as novas constelações de valores (individualismo, pragmatismo, flexibilidade e contratualismo) com evidentes reflexos nas estruturas familiares e de parentesco⁶.

Ao vermos agora a condição perante o trabalho dos pais dos alunos, é de realçar dois aspectos fundamentais: por um lado, a maior parte dos progenitores encontra-se a trabalhar, sendo residuais as situações de desemprego, por outro, a taxa de actividade masculina é consideravelmente superior à feminina (em 1992/93 e em 1993/94, menos de metade das mães estavam a trabalhar), salientando-se as elevadas percentagens de mulheres que se ocupam das tarefas domésticas (33.3% em 1992/93; 36.8% em 1993/94 e 18.2% em 1994/95).

QUADRO VI— Condição perante o trabalho dos pais dos alunos por ano lectivo

Condição perante o trabalho dos pais	Anos Lectivos											
	1992/93				1993/94				1994/95			
	Pai		Mãe		Pai		Mãe		Pai		Mãe	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Desempregado	1	2,0	1	2,0	1	2,9	1	2,6	2	5,9	1	3,0
Reformado/Pensionista	6	12,2	10	19,6	8	22,8	4	10,5	7	20,6	4	12,1
Incapacitado permanente para o trabalho	-	-	-	-	-	-	1	2,6	-	-	-	-
Ocupa-se das tarefas do lar	-	-	17	33,3	-	-	14	36,8	-	-	6	18,2
Está a trabalhar	41	83,8	22	43,1	25	71,4	18	47,5	24	70,6	20	60,6
Outra situação	1	2,0	1	2,0	1	2,9	-	-	1	2,9	2	6,1
<i>Total</i>	<i>49</i>	<i>100,0</i>	<i>51</i>	<i>100,0</i>	<i>35</i>	<i>100,0</i>	<i>38</i>	<i>100,0</i>	<i>34</i>	<i>100,0</i>	<i>33</i>	<i>100,0</i>

Para além de sugerir a persistência de modelos assimétricos na divisão sexual das tarefas, impõe-se questionar as implicações possíveis deste modelo parental na própria educação dos filhos, sendo igualmente interessante para futuros estudos avaliar a reprodução ou alteração desta estrutura de papéis familiares.

⁶ Vd. João Ferreira de Almeida, *Portugal Os Próximos Vinte Anos - Valores e Representações Sociais*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1990, em especial pp. 94-108.

2.2. Origem social

Ao construirmos a matriz patente no Quadro VII ⁷ foi nossa intenção verificar a origem de classe dos estudantes (definida, na sua esmagadora mai-

QUADRO VII — Lugares de classe do grupo doméstico de origem por ano lectivo

Lugares de classe do grupo doméstico de origem	Anos Lectivos					
	1992 / 93		1993/94		1994/95	
	N	%	N	%	N	%
Burguesia	12	24,5	8	21,1	5	15,6
BEP BD BP	9	18,4	8	21,1	1	12,5
Pequena Burguesia	21	41,2	24	63,2	20	3,1
PBIC PBTEI PBIP	29	59,2	15	39,5	11	62,5
PBA PBE	12	24,5	2	5,3	3	34,4
Operariado	5	10,2	7	18,4	6	9,4
OIQ OISNQ OA	2	4,1	6	15,7	7	18,7
	8	16,3	4	10,5		21,9
	7	16,3	1	2,6		21,9
	1	14,3				
		2,0				
<i>Total</i>	<i>49</i>	<i>100,0</i>	<i>38</i>	<i>100,0</i>	<i>32</i>	<i>100,0</i>

- BEP: Burguesia empresarial e proprietária
 BD: Burguesia dirigente
 BP: Burguesia profissional
 PBIC: Pequena burguesia intelectual e científica
 PBTEI: Pequena burguesia técnica e de enquadramento intermédio
 PBIP: Pequena burguesia independente e proprietária
 PBA: Pequena burguesia agrícola
 PBE: Pequena burguesia de execução
 OIQ: Operariado industrial qualificado
 OISNQ: Operariado industrial semi e não qualificado
 OA: Operariado agrícola

⁷ Matriz de conversão elaborada de acordo com os critérios sugeridos por João Ferreira de Almeida *et al*, designadamente no que se refere à utilização das "duas variáveis primárias básicas «situação na profissão» e «profissão» - Vd. "Famílias, estudantes e universidade - painéis de observação sociográfica", *art. cit.* e ainda as actualizações da proposta inicial patentes em "Estudantes e amigos - trajectórias de classe e redes de sociabilidade", *art. cit.*, p. 221.

oria, dada a situação de dependência familiar destes jovens, pelo lugar de classe do grupo doméstico de origem ⁸), bem como os potenciais efeitos de reprodução e/ou mobilidade social proporcionados pela centralidade dos títulos escolares na trajectória social virtual dos estudantes.

Impõem-se três grandes constatações: a maior parte dos alunos está inserida na pequena burguesia (59.2% em 1992/93; 63.2% em 1993/94 e 62.5% em 1994/95), em particular na pequena burguesia intelectual e científica (24.5% em 1992/93; 39.5% em 1993/94 e 34.4% em 1994/95), dotada de elevadas qualificações e títulos escolares, tal como na população estudantil estudada por João Ferreira de Almeida *et ai* Por outro lado, verifica-se igualmente a sobrerrepresentação das fracções de classe burguesas (24.5% em 1992/93; 21.1% em 1993/94 e 15.6% em 1994/95) por comparação com a estrutura de classes da sociedade portuguesa ⁹. Finalmente, facto impensável nas décadas anteriores a 70, existe já um número pertinente de estudantes no pólo das fracções menos capitalizadas da pequena burguesia (nomeadamente a pequena burguesia de execução) e no operariado, em particular no operariado industrial (16.3% em 1992/93; 15.7% em 1993/94 e 21.9% em 1994/95). Se, nos dois primeiros casos, poderemos apontar para uma situação de clara reprodução das posições sociais de origem através da selectividade do sistema de ensino, na segunda situação estamos claramente em presença de estudantes em processo de mobilidade social ascendente, embora o grosso desse movimento seja intraclassista, isto é, dentro da pequena burguesia (concretamente, da pequena burguesia de execução para a pequena burguesia intelectual e científica, lugar de classe provável para uma parte significativa dos futuros licenciados em Sociologia). De qualquer forma, coexistem no curso de Sociologia estudantes com origens sociais diversas, o que demonstra já uma situação bem diferente do "convívio entre iguais" da Universidade elitista e pesadamente homogénea de há algumas décadas atrás ¹⁰ Ao invés, caminha-se, tendencialmente, no sentido da multiculturalidade, impondo a

⁸ "...# verdade é que no grupo doméstico se partilha um conjunto decisivo de recursos e de condições de existência, que nele se estruturam princípios organizadores básicos dos sistemas de disposições e que aí se geram boa parte das estratégias e orientações de vida" - João Ferreira de Almeida *et ai*, "estudantes e amigos...", *art. cit.*, p. 195.

⁹ Vd. António Reis (coord.), *Portugal, 20 Anos de Democracia*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994.

¹⁰ Esta mesma constatação de uma heterogeneização social da população estudantil universitária é verificada por Virgílio Borges Pereira, ao analisar a população discente da Universidade do Porto - "Os estudantes da Universidade do Porto - sociografias" in *Boletim da Universidade do Porto*, n.º 21, 1994.

presença no mesmo cenário de agentes com sistemas de posições e predisposições desiguais, universos simbólicos distintos e estratégias e interesses competitivos e não raras vezes conflituais.

Tal consideração conduz-nos à formulação de uma questão, a qual, por agora, não é mais do que uma possível pista para outras investigações: o sistema universitário do nosso país, que nos últimos anos se caracterizou por intensos movimentos de recomposição morfológica e institucional, produziu e sedimentou as condições sociais indispensáveis para que aquela multiculturalidade consiga vivificar e desenvolver-se no futuro?

Ao observarmos o quadro seguinte, respeitante ao nível de escolaridade dos pais dos inquiridos, revelam-se duas situações paradoxais e que, de certa forma, se relacionam com a já referida diversidade de origens e inserções sociais dos estudantes de Sociologia.

QUADRO VIII — Escolaridade dos pais por ano lectivo e por sexo

Escolaridade dos pais	Anos Lectivos											
	1992/93				1993/94				1994/95			
	Pai		Mãe		Pai		Mãe		Pai		Mãe	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Não sabe ler nem escrever	1	2,1	1	2,0	-	-	1	2,7	1	3,0	-	-
Sabe ler e escrever	-	-	3	6,0	1	2,8	1	2,7	-	-	1	3,0
Ensino Primário	1	39,6	20	40,0	10	27,8	12	32,5	1	32,4	15	45,4
E. Básico Preparatório	3	6,2	6	12,0	1	2,8	5	13,5	6	17,6	2	6,1
E. Secundário Unificado	7	14,6	5	10,0	9	25,0	4	10,8	6	17,6	2	6,1
E. Sec. Complement.	9	18,7	4	8,0	3	8,3	3	8,1	2	5,9	1	3,0
Ensino médio	2	4,2	4	8,0	4	11,1	5	13,5	2	5,9	6	18,2
Ensino Superior	7	14,6	7	14,0	8	22,2	6	16,2	6	17,6	6	18,2
<i>Total</i>	4	100,0	50	100,0	36	100,0	37	100,0	3	100,0	33	100,0
	8								4			

Com efeito, quase metade dos pais dos inquiridos possui apenas a instrução primária (41.7% dos pais e 48% das mães em 1992/93, 30.6% dos pais e 37.8% das mães em 1993/94 e 35.3% dos pais e 48.5% das mães em 1994/95). Desta forma, ganha maior consistência a hipótese anteriormente adiantada para alguns grupos e fracções de classe, de mobilidade inter-geracional ascendente, dada a importância do capital escolar na obtenção e consolidação dos restantes capitais. Por outro lado, a importância quantitativa dos pais com curso médio e superior encontra-se fortemente sobrerrepresentado

face à população portuguesa. Tudo indica, pois, que, mais do que uma heterogeneização de *habitus* de classe dos estudantes, se verifica mesmo uma dualização das respectivas condições sociais.

De referir ainda que o nível de escolaridade das mães dos inquiridos é francamente inferior à dos pais, excepção feita aos níveis superiores (ensino médio e ensino superior), marca ainda perene de oportunidades sexualmente diferenciadas de gestão dos percursos escolares. Contudo, se pensarmos no acentuadíssimo nível de feminização do curso de sociologia, podemos com toda a segurança afirmar que essa situação se encontra em vias de ser superada.

Ao atentarmos nas escolaridades combinadas de pai e mãe por ano lectivo verificamos, corroborando o que atrás foi dito, que, nas situações assimétricas, predominam as combinações de pais com um nível de escolaridades superior ao das mães.

QUADRO IX — Escolaridade do Pai e da Mãe para o ano lectivo de 1992/93

Mães Pais	Não sabe ler nem escrever	Sabe ler e escrever	Ensino Primário	Ensino Básico Preparat.	Ensino Secund. Unif.	Ensino Secund. Compiem.	Ensino Médio	Ensino Superior
Não sabe ler nem escrever	-	2,1	-	-	-	-	-	-
Sabe ler e escrever	-	-	-	-	-	-	-	-
Ensino Primário	2,1	-	34,4	-	-	-	2,1	-
Ensino Básico Preparatório	-	2,1	2,1	-	-	2,1	-	-
Ensino Secundário Unificado	-	-	-	6,4	6,4	-	2,1	-
E. Secundário Complementar	-	-	2,1	2,1	4,3	6,4	2,1	2,1
Ensino médio	-	-	-	-	-	-	2,1	2,1
Ensino Superior	-	2,1	-	2,1	-	-	2,1	8,5

QUADRO X — Escolaridade do Pai e da Mãe para o ano lectivo de] 993/9

Mães Pais	Não sabe ler nem escrever	Sabe ler e escrever	Ensino Primário	Ensino Básico Preparat.	Ensino Secund. Unific.	Ensino Secund. Compiem.	Ensino Médio	Ensino Superior
Não sabe ler nem escrever	-	-	-	-	-	-	-	-
Sabe ler e escrever	-	2,8	-	-	-	-	-	-
Ensino Primário	2,8	-	21,9	5,6	-	-	-	-
Ensino Básico Preparatório	-	-	-	2,8	-	-	-	-
Ensino Secundário Unificado	-	-	8,3	2,8	5,6	-	5,6	2,8
E. Secundário Complementar	-	-	-	-	-	5,6	-	2,8
Ensino médio	-	-	-	-	-	-	8,3	-
Ensino Superior	-	-	-	5,6	5,6	2,8	-	8,3

QUADRO XI — Escolaridade do Pai e da Mãe para o ano lectivo de 1994/95

Mães Pais	Não sabe ler nem escrever	Sabe ler e escrever	Ensino Primário	Ensino Básico Preparat.	Ensino Secund. Unific.	Ensino Secund. Complém.	Ensino Médio	Ensino Superior
Não sabe ler nem escrever	-	3,0	-	-	-	-	-	-
Sabe ler e escrever	-	-	-	-	-	-	-	-
Ensino Primário	-	-	33,4	-	-	-	-	-
Ensino Básico Preparatório	-	-	9,1	3,0	-	-	3,0	-
Ensino Secundário Unificado	-	-	3,0	-	6,1	-	9,1	-
E. Secundário Complementar	-	-	-	-	-	3,0	-	3,0
Ensino médio	-	-	-	-	-	-	6,1	-
Ensino Superior	-	-	-	3,0	-	-	-	15,2

Por outro lado, analisando agora as situações simétricas, constatamos a predominância de uniões homogâmicas em quase todos os níveis de escolaridade, com especial destaque para os pais dos inquiridos que possuem o nível de ensino primário e diplomas de ensino médio e superior. Uma vez mais se confirma o carácter estratégico das aproximações matrimoniais, afastando os diferentes e aproximando os iguais, notando-se assim a força daquilo a que Bourdieu apelida de "*afinidade de habitus*"¹¹. Tudo nos leva a crer que, para os estudantes, as estratégias matrimoniais seguirão no mesmo sentido, já que capitais escolares mais elevados se tornam normalmente mais "exigentes", orientando de forma ainda mais rígida a trajectória e o alvo da flecha de cupido...¹²

2.3. Percurso escolar e ingresso no curso de sociologia

Partindo do princípio de que a escolha de um determinado curso superior encontra raízes na construção e gestão de um longo percurso escolar (através de compromissos e negociações entre constrangimentos de diversa índole, inclusivamente institucionais, e um conjunto articulado de interesses,

¹¹ Pierre Bourdieu ci. in Michel Bouzon e François Héran, "La découverte du conjoint - évolution et morphologie des scènes de rencontre" in *Population*, nº 6, 1987, p. 946.

¹² Escrevem a este propósito João Ferreira de Almeida *et ai* : "...a hipótese da importância de níveis próximos de escolaridade nas estratégias matrimoniais implícitas - que já valia, no passado, para as classes subalternas e destituídas de capital escolar - vale agora, cada vez mais, para as várias classes e fracções de classe escolarizadas" in "Famílias, estudantes e universidade - painéis de observação sociográfica", *art. cit.*

estratégias e cálculos pessoais) importa analisar algumas das opções anteriores dos estudantes de Sociologia. Assim, se observarmos o Quadro XII concluímos que a esmagadora maioria dos estudantes provém dos novos cursos complementares (em especial no ano lectivo de 1994/95), produto, por isso, das novas lógicas da reforma educativa.

QUADRO XII — Curso frequentado pelos alunos no Ensino Secundário por ano lectivo

Cursos	Anos lectivos					
	1992/93		1993/94		1994/95	
	N	%	N	%	N	%
Novos Cursos Complementares (Ensino diurno posterior a 1978)	44	88,0	30	85,7	29	93,5
Antigos Cursos Complementares (Ensino diurno anterior a 1977 e ensino nocturno)			3	8,6	2	
Ensino Técnico-profissional (Posterior a 1983)		12,0		5,7		6,5
<i>Total</i>	<i>50</i>	<i>100,0</i>	<i>55</i>	<i>100,0</i>	<i>31</i>	<i>100,0</i>

Quanto às áreas vocacionais frequentadas, salientam-se o *Jornalismo/Turismo* e a *Administração Pública/Relações Públicas*, ambas incluídas na área de Estudos Humanísticos. No que respeita à forma de ingresso no curso de Sociologia, constata-se que a grande maioria entrou aquando da primeira tentativa de acesso ao ensino superior, o que poderá constituir um indicador de um percurso escolar pautado por níveis elevados de sucesso.

Os alunos transferidos de outro curso ou estabelecimento de ensino reflectem, em princípio, o contingente que não obteve acesso à primeira tentativa no curso desejado. Como é por demais sabido, tal situação é consequência directa da barreira do *numerus clausus* e, concomitantemente, do modo como se processa a selecção e colocação dos candidatos ao ensino superior. Por outro lado, outras pistas explicativas subsistem que dão conta desta mobilidade. Para alguns alunos, a transferência reflecte a rejeição de uma determinada trajectória académica marcada pela não concretização das aspirações e expectativas inicialmente existentes face ao curso escolhido, enquanto outros fazem-no na sequência de um complexo processo de desconstrução da "vocaçãõ" que enformou a escolha do primeiro curso e, simultaneamente, da construção de uma diferente "vocaçãõ" que vai, em consequência, possibilitar a redefinição das respectivas carreiras académicas. Entre as duas pistas perma-

A Sociologia e os seus estudantes

QUADRO XIII — Forma de Ingresso no Curso de Sociologia da Faculdade de Letras do Porto por ano lectivo

Formas de ingresso	Anos lectivos					
	1992/93		1993/94		1994/95	
	N	%	N	%	N	%
Primeiro Ingresso no Ensino Superior	37	71,2	31	79,5	28	82,3
Transferência para outro Curso / Escola	10	19,2	4	10,3	4	11,8
Ingresso após conclusão de outro Curso	1	1,9	2	5,1	-	-
Regime especial / cont. especial	4	7,7	2	5,1	2	5,9
<i>Total</i>	<i>52</i>	<i>100,0</i>	<i>39</i>	<i>100,0</i>	<i>34</i>	<i>100,0</i>

necem fortes pontos de entrecruzamento, o que contribui, sem dúvida, para a complexificação analítica das transferências entre cursos.

No Quadro XIV, verificamos que a maioria dos estudantes entrou para o curso e estabelecimento de ensino escolhidos como primeira opção - o curso de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

QUADRO XIV — Os três Cursos/Estabelecimentos preferencialmente indicados pelos candidatos para cada uma das opções por ano lectivo

Curso/ /Estabelecimento	Anos lectivos		
	1992/93	1993/94	1994/95
1.ª Opção	FLUP/Sociologia 64,4%	FLUP/Sociologia: 65,5%	FLUP/Sociologia: 50,0%
	FLUP/Psicologia 11,1% UM/Relações I: 8,9%	UM/Sociologia: 6,9% FEC/Sociologia: 3,4%	FLUP/História: 13,8% FDC/Direito: 10,3%
2.ª Opção	FLUP/Sociologia 26,3%	FEC/Sociologia: 16,7%	FLUP/História: 13,8%
	FLUP/História: 13,2%	UM/Sociologia: 12,5%	FLUP/Sociologia: 10,3%
	FLUP/Filosofia: 10,5%	FLUP/História: 12,5%	UM/Sociologia: 10,3%
3.ª Opção	FLUP/História: 11,8%	FLUP/Sociologia: 21,7%	FLUP/Sociologia: 25,0%
	FLUP/Filosofia: 8,8%	FLUP/História: 17,4%	FLUP/Filosofia: 14,3%
	FLUP/Hist. Arte 8,8%	FLUP/Hist. Arte: 8,7%	UM/Sociologia: 10,7%

FLUP: Faculdade de Letras da Universidade do Porto
 UM: Universidade do Minho
 FEC: Faculdade de Economia de Coimbra
 FDC: Faculdade de Direito de Coimbra
 FPUP: Faculdade de Psicologia da Universidade do Porto

Esta constatação suscita dois comentários. Por um lado, poderá estar relacionada, uma vez mais, com altos níveis de sucesso escolar durante os anos terminais do secundário, já que a maior parte dos alunos possuía a classificação média suficiente para ingressar no par curso/estabelecimento preferido. Por outro lado, esta mesma circunstância revela que as aspirações de ingresso no ensino superior se concretizaram, o que constituirá, eventualmente, um alto capital de motivação pedagógica por parte destes alunos. De referir também que parte considerável das restantes opções se situa no campo disciplinar da Sociologia (se bem que associada a diversos estabelecimentos de ensino) ou ainda de *corpus* disciplinares da área das ciências sociais e humanas, o que revela uma certa coerência vocacional por parte dos estudantes.

Finalmente, quando confrontados com as razões de escolha do curso de Sociologia¹³ concluímos que *a. possibilidade de intervenção no âmbito da realidade social* foi a razão mais referida para o conjunto dos inquiridos dos diferentes anos lectivos, logo seguido de *acesso a uma profissão cuja prática lhe proporcionará satisfação e realização pessoal*. É curioso verificar, nestas duas escolhas, a combinação de um valor claramente sócio-centrado (intervenção na realidade pessoal), diríamos mesmo activista, com um outro de cariz ego-centrado ou individualista (satisfação e realização pessoal).

Paulo Antunes Ferreira¹⁴, no seguimento de vários autores, chama precisamente a atenção para a tendência que se verifica nos universos simbólicos juvenis, de combinações conjunturais e pragmáticas, muito marcadas pelo seu posicionamento face à entrada na vida activa, de valores com orientações díspares.

De facto, estamos na presença de "valores mistos", agregando, de acordo com uma outra categorização, *valores de recompensa intrínseca* (satisfação e realização pessoal), com valores de *recompensa moral* (intervenção na realidade social).

No entanto, se repararmos nas outras duas opções com significativas adesões dos inquiridos, designadamente o *interesse pela sociologia como disciplina científica* e a *possibilidade de vir a participar no processo de desenvolvimento social do país*, conseguimos, assim o pensamos, isolar um núcleo duro de representações eventualmente mais específicas dos estudantes de

^B Aos inquiridos era proposto que das oito razões apresentadas indicassem unicamente as três que consideravam mais importantes. Por conseguinte, os valores enunciados expressam a percentagem de inquiridos que incluiu cada uma das razões no conjunto das três mais importantes.

^H Vd. *Valores dos Jovens Portugueses nos anos 80*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais/Instituto da Juventude, 1993.

QUADRO XV — Razões de Escolha do Curso de Sociologia por ano lectivo

Razões de Escolha	Anos >		
	1992/93	1993/94	1994/95
	%	%	%
Interesse pelas disciplinas ministradas	16,3	18,2	16,1
Acesso a uma profissão qualificada	27,9	9,1	29,0
Melhoria dos conhecimentos e competências individuais	27,9	45,5	35,5
Possibilidade de intervenção no âmbito da realidade social	60,5	75,8	71,0
Interesse pela Sociologia como disciplina científica	39,5	45,5	29,0
Acesso a uma profissão cuja prática lhe proporcionará satisfação e realização pessoal	55,8	48,5	45,2
Obtenção de uma licenciatura	23,3	21,2	25,8
Possibilidade de vir a participar no processo de desenvolvimento social do país	48,8	36,4	29,0

sociologia, tanto mais que se coadunam com a já referida *intervenção na realidade social*. Teremos, por conseguinte, um perfil de orientação activista, de interesse pelo social e pelas dinâmicas de mudança que poderá estar ligado aos próprios processos de construção social da vocação destes estudantes.

Confrontando as razões de escolha do curso com o lugar de classe de origem dos inquiridos, concluímos não haver clivagens significativas¹⁵.

Em 1992/93 e para a PBIC, *o acesso a uma profissão qualificada, o interesse pela Sociologia como disciplina científica e a possibilidade de vir a participar no desenvolvimento social do país* são as razões mais apontadas; a BEP preocupa-se com a *intervenção no âmbito da realidade social* e o OIQ e a PBE com *o acesso a uma profissão cuja prática lhe proporcionará satisfação e realização pessoal*. No entanto, em 1993/94 e 1994/95, a PBIC aponta a *intervenção na realidade social* como principal razão de escolha, assim como a PBE e o OIQ em 1994/95, enquanto que a BEP refere em 1993/94, a *melhoria dos conhecimentos e competências individuais*. Mais do que representações com uma ancoragem na estrutura de classes, constatamos a oscilação entre valores ego e sócio-centrados para todas as fracções de classe, indicador, uma vez mais, do período de experimentação e incerteza em que estes inquiridos, enquanto jovens e enquanto estudantes, estão a viver.

¹⁵ O cálculo das percentagens foi feito de acordo com o que se encontra enunciado para o Quadro XV.

QUADRO XVI — Razões de Escolha do Curso de Sociologia por Lugares de Classe do Grupo Doméstico de Origem para o ano lectivo de 1992/93 (%)

Razões de escolha	Lugares de Classe do Grupo Doméstico de Origem									
	BEP	BD	BP	PBIC	PBTEI	PBIP	PBA	PBE	OIQ	OA
Interesse pelas disciplinas ministradas	0,0	4,8	0,0	2,4	0,0	0,0	0,0	4,8	4,8	0,0
Acesso a uma profissão qualificada	2,4	00	00	11,9	2,4	00	2,4	2,4	4,8	00
Melhoria dos conhecimentos e competências individuais		00	00	71	48	00		71	74	
Possibilidade de intervenção no âmbito da realidade social	2,4						7,4			
Interesse pela Sociologia como disciplina científica	16,7	74	74	95	95	74	2,4	7,1	71	2,4
Acesso a uma profissão cuja prática lhe proporcionará satisfação e realização pessoal	4,8	00	74	11,9	74	74		48	74	
Obtenção de uma licenciatura	9,5	74	74	95	95	00	00	95	71	00
Possibilidade de vir a participar no processo de desenvolvimento social do país	2,4	00	00	71	4,8	00	00	48	48	0,0
	7,1	74	00	11,9	74	74	74	4,8	4,8	7,4

QUADRO XVII — Razões de Escolha do Curso de Sociologia por Lugares de Classe do Grupo Doméstico de Origem para o ano lectivo de 1993/94 (%)

Razões de escolha	Lugares de Classe do Grupo Doméstico de Origem					
	BEP	PBIC	PBTEI	PBE	OIQ	OA
Interesse pelas disciplinas ministradas	3,0	3,0	0,0	12,1	0,0	0,0
Acesso a uma profissão qualificada	0,0	6,1	0,0	3,0	0,0	0,0
Melhoria dos conhecimentos e competências individuais	15,2	18,2	3,0	3,0	6,1	0,0
Possibilidade de intervenção no âmbito da realidade social	9,1	36,4	3,0	18,2	3,0	3,0
Interesse pela Sociologia como disciplina científica	12,1	15,2	0,0	9,1	6,1	3,0
Acesso a uma profissão cuja prática lhe proporcionará satisfação e realização pessoal	9,1	18,2	3,0	9,1	6,1	3,0
Obtenção de uma licenciatura	6,1	6,1	0,0	3,0	3,0	0,0
Possibilidade de vir a participar no processo de desenvolvimento social do país	9,1	15,2	0,0	6,1	3,0	0,0

QUADRO XVIII — Razões de Escolha do Curso de Sociologia por Lugares de Classe do Grupo Doméstico de Origem para o ano lectivo de 1994/95 (%)

Razões de escolha	Lugares de Classe do Grupo Doméstico de Origem					
	BEP	BP	PBIC	PBTEI	PBE	OIQ
Interesse pelas disciplinas ministradas	0,0	0,0	6,7	0,0	0,0	6,7
Acesso a uma profissão qualificada	0,0	0,0	10,0	3,3	10,0	6,7
Melhoria dos conhecimentos e competências individuais	3,3	3,3	6,7	6,7	6,7	6,7
Possibilidade de intervenção no âmbito da realidade social	10,0	3,3	23,3	3,3	13,3	16,7
Interesse pela Sociologia como disciplina científica	10,0	0,0	3,3	0,0	10,0	3,3
Acesso a uma profissão cuja prática lhe proporcionará satisfação e realização pessoal	6,7	0,0	13,3	3,3	6,7	13,3
Obtenção de uma licenciatura	6,7	0,0	13,3	3,3	3,3	0,0
Possibilidade de vir a participar no processo de desenvolvimento social do país	3,3	3,3	3,3	0,0	10,0	6,7

3. Considerações finais

A análise que aqui se apresenta não pretende ser, como já salientámos, um exaustivo inventário das múltiplas dimensões de um objecto como este, tão-só deve ser encarado como um estudo sociográfico introdutório e de cariz exploratório sobre os estudantes de sociologia. Muitas outras interpretações poderiam ter sido feitas.

De qualquer forma, gostaríamos de realçar uma constatação que nos parece da máxima importância: a população estudantil estudada encontra-se fortemente dividida do ponto de vista da sua composição social, podendo-se mesmo falar de um processo de dualização. Sabendo-se que tal factor acarreta, necessariamente, práticas sociais divergentes e conflituais, não pode deixar de aumentar o desafio à instituição universitária na forma como organiza a sua "oferta" (*curricula*, práticas pedagógicas, qualidade científica, etc): como concretizar os discursos de combate à selectividade, em particular aos seus mecanismos mais subtis, numa população socialmente tão heterogénea como esta?